

Brasil pode exportar este ano US\$ 1 bilhão em produtos químicos

Da sucursal do
RIO

O Brasil poderá exportar este ano US\$ 1 bilhão em produtos químicos e petroquímicos, reduzindo assim em 50% o déficit comercial do setor de US\$ 1 bilhão em 1981 para cerca de US\$ 500 milhões em 82, segundo informou ontem o secretário-executivo da Associação Brasileira de Indústria Química, Rubens Gomes, durante debate sobre a situação desse setor industrial, promovido pela Associação dos Jornalistas de Economia e Finanças do Rio de Janeiro (AJEF) e o Instituto Brasileiro do Petróleo.

No debate, preparatório para o I Seminário Brasileiro de Química Fina, que começa no próximo dia 27 em Salvador, o secretário da Indústria e do Comércio da Bahia, Manoel de Castro, revelou que já existem 18 projetos em operação, implantação ou estudos dentro do Programa de Fomento à Indústria Química Fina da Bahia, vinculados ao Pólo Petroquímico de Camaçari, num total de US\$ 609 milhões em investimentos e empregos para 2700 pessoas. Os produtos ligados a este setor — as chamadas especialidades químicas — estão relacionados com a petroquímica, alcoolquímica e com a carboquímica, e utilizados nas indústrias de bens de consumo de massa — tal como a farmacêutica e alimentícia — além das suas aplicações na área de consumo durável — automobilística, plásticos, têxtil, couros e peles, entre outras.

MERCADO

Fernando Sandroni, diretor da Norquisa, cujo presidente é o ex-chefe do governo, Ernesto Geisel, destacou a carência brasileira atual de produtos intermediários de química fina, e as facilidades para sua fabricação a partir do grande volume de matérias-primas no Pólo de Camaçari, tais como o benzeno, o tolueno e o ácido sulfúrico. Disse também que a necessidade de exportação faz parte da natureza do setor, que no processo de produção cria determinados subprodutos não absorvidos pelo mercado interno e que podem ser vendidos ao Exterior.

No plano interno explicou o que dá escala ao mercado é o setor de defensivos agrícolas. E informou que a Norquisa, com apoio da BNDES-PART (participações), está implantando, entre outros três projetos: a Nitroclor, na Bahia, para cloração de produtos da Copene; a Alclor, em Alagoas, para produção de um intermediário destinado à fabricação de resinas para tintas e adesivos; e uma participação de 28% na Baiana Carbonor, cuja maioria pertence à Cabo Branco Participações (38%) e tem como fornecedor de tecnologia o grupo Belga Solvay (22%).

Quanto às perspectivas de exportação, segundo se informou durante o debate, a partir do fato de que o Brasil ocupa apenas 0,8% deste mercado internacional, há condições de abrir novas áreas de comercialização nos Estados Unidos, África e Ásia, com destaque para a China, que já está adquirindo produtos químicos brasileiros.